

GUASÚ E USÚ NA DIACRONIA DAS LINGUAS E DIALETOS TUPI-GUARANIS

FREDERICO G. EDELWEISS

XVIII

"GŪASŪ" E "USŪ" NO GUARANI ATUAL

Quem comparar o guarani moderno com o estado da língua ao tempo de Montoya e com os diferentes esgalhamentos tupis do Quinhentos e Seiscentos, não pode deixar de notar a progressiva desenvoltura na parte que nêle diz respeito ao emprêgo de *gŭasú/usú* na formação de aumentativos e superlativos.

Nas gramáticas antigas a sua construção correta segundo o uso mais autorizado mereceu parágrafo destacado, pois estreito critério estrutural disciplinava a sua aplicação.

Nos dialetos tupi-guaranis modernos mais estudados a sua observância continua freqüente, ainda que a consciência lingüística se venha embotando gradativamente e os mestres já não se preocupem com as primitivas molas reguladoras. As gramáticas do guarani moderno praticamente ignoram o importante papel de *gŭasú/usú* nas velhas formas aumentativas e superlativas, embora permaneça o seu uso e continuem figurando nos vocabulários com relativa profusão. Em geral os mestres só mencionam no particular o adjetivo/advérbio *eté* com as suas variações: *ité*, *te*, *eterei* e silenciam formas outras, como se receassem divergir entre si. Entretanto, *eté* não é o adjetivo mais indicado para caracterizar os aumentativos concretos onde pre-

domina o sentido de *grande, volumoso*. — A falta das gramáticas salta aos olhos, quando verificamos, que, a despeito de tais compostos em *eté* etc. menos usados não encontrarem guarida franca nos vocabulários, a maioria destes consigna, por outro lado, acima de meia centena entre aumentativos e superlativos em *gûasú/usú*. Será porque estes são considerados palavras compostas ao invés dos em *eté*?

Quanto à freqüência das duas formas, podemos informar, que, à base dos termos respigados nos diversos dicionários, a de *gûasú* predomina aproximadamente na proporção de 2 a 3 para 1 em *usú* (1), o que se explica pela predominância dos vocábulos oxítonos terminados em vogal.

G û a s ú

Em vista do estado atual da língua, na qual a grande maioria das velhas palavras paroxítonas e das oxítonas acabadas em consoante termina hoje em vogal tônica por efeito da progressiva apócope, as discordâncias da regra clássica, que após oxítonos prescreve *gûasú*, são relativamente raras.

Para melhor compreensão do desenvolvimento histórico do guarani na parte dos aumentativos e superlativos em *gûasú/usú*, convém começarmos por distinguir os formados com velhos termos normais oxítonos terminados em vogal, daqueles outros que se lhes equipararam por efeito de apócope evolutiva ainda verificável.

I.

Na maioria dos primeiros não houve alteração no correr dos tempos históricos. Repigamos deles alguns exemplos mais corriqueiros para ilustração.

<i>Guarani antigo e moderno</i>	<i>Português</i>
Areté-gûasú	— Festa solene;
djarará-gûasú (2)	— jararacuçu;
kaá-gûasú	— mata virgem;
karú-gûasú	— banquete;

(1) As ocorrências dos termos em *gûasú* e *usú* respigados por alto exprimem-se pelos seguintes números mínimos:

Autores	«Gûasú»	«Usú» e variações
Bottignoli	— 17	— 6
Guasch	— 39	— 13
Mayans	— 37	— 13
Peralta/Osuna	— 120	— 54

(2) Já Montoya e Restivo registraram o positivo *jarará* (=djarará), enquanto no tupi temos *iararaka*, de onde *iararak-usú*.

kŭā-gŭasŭ	—	dedo grande, polegar;
mbaé-gŭasŭ	—	prodígio;
nhandŭ-gŭasŭ (3)	—	ema, aranha caranguejeira;
po-gŭasŭ	—	grosso, encorpado (fio, pano);
ti-gŭasŭ	—	narigão;
etc., etc.		

II.

Alguns positivos oxítonos mais recentes por apócope, tendência que já se nota no guarani colonial, provocaram certa discordância entre os aumentativos e superlativos antigos e modernos, como ressalta da relação ilustrativa seguinte:

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Apyká	— apyká.b.	— assento;
apyká-gŭasŭ	— apykab-usŭ	— banco;
hu	— hu.n.	— é preto,
hu gŭasŭ	— hund-aí (4)	— é muito preto;
kangŭé	— kangŭé.r.	— osso destacado,
kangŭé-gŭasŭ	— kangŭer-usŭ	— osso avulso grande;
karai	— karai.b.	— senhor, dono,
karai-gŭasŭ	— karaib-usŭ	— mandão;
mburubixá	— mburubixá.b.	— chefe,
mburubixá-gŭasŭ	— mburubixab-eté	— maioral;
terakŭā	— terakŭā(na)	— fama,
terakŭā-gŭasŭ	— terakŭand-usŭ	— grande fama;
tetā	— tetā.m.	— país, povoação,
tetā-gŭasŭ	— tetamb-usŭ	— povoação grande, capital;
verá	— berá.b.	— resplandente,
verá-gŭasŭ	— berab-usŭ	— muito resplandente.
etc. etc.		

III.

Em certos outros casos *gŭasŭ*, fundado no moderno positivo, ainda não conseguiu suplantar a forma *usŭ* historicamente abonada, dando lugar a superlativos e aumentativos duplos, como:

(3) No guarani antigo tanto o avestruz (*ema*) como a aranha chamavam-se *nhandŭ*. No guarani moderno também se encontra *nhandŭ-gŭasŭ* para *ema*.

(4) O verbete é tirado de Guasch, p. 74. Nêle se nota a sensível evolução semântica de *gŭasŭ* às custas do expressivo *aí* (= *aiba* em tupi) — ruim, estragado, muito, termo em que o sentido aumentativo se funde com certo ressalbo pejorativo.

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
kûá, kûara	— kûá.r.	— buraco, cova,
kuá-gûasú, kûá-rusú (5)	— kûar-usú	— furna;
ky	— ky.r.	— chuva,
ky-gûasú, ky-rusú (5a)	— kyr-usú	— chuva torrencial;
kygûá	— kygûá (6)	— pente,
kygûá-gûasú, kyguá-vusú	— kygûá-gûasú	— pente de tecelão;
mboká	— mboká.b.	— arma de fogo,
mboká-gûasú, mbokavusú	— mbokab-usú 6a)	— artilharia;
nhee	— nhee(ng)	— palavra, fala,
nhec-gûasú, nheeng-usú	— nheeng-usú (6b)	— arrogante;

IV.

Há mesmo alguns aumentativos e superlativos duplos no guarani moderno em que uma das formas é visivelmente irregular e só se explica por influências analógicas.

Citemos dêles:

<i>Guarani moderno</i>	<i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Py	— py	— vão, largura, largo,
py-gûasú, py-rusú (6c)	— py-gûasú	— vão grande, muito largo;
tatú	— tatú	— tatu,
tatú-gûasú, tatú-vusú (6c)	— tatú-gûasú	— tatu-açu, tatu canastra.

V.

Dêstes compostos existem uns poucos em que as formas várias foram utilizadas para marcar diversificações de sentido, como em:

Akã-gûasú	— cabeçorra,
akã-rusú	— cabeça um tanto grande,
akang-usú (7)	— cabeça dura, teimoso;

(5) Ambas as formas positivas se encontram em Mayans e Peralta/Osuna; os dois aumentativos figuram no livro dêstes últimos, verbete agujero.

(5a) Kyr-usú, mokab-usú e nheeng-usú são as formas legítimas do tupi e guarani antigos. Quanto ao último, compare: Mayans, verbetes ñee, rusú e Guasch, verbete voz.

(6) Já o termo guarani se havia apocopado; no tupi ainda temos kygûaba, o ascendente de kygûav-usú no guarani moderno.

(6a) Compare em Peralta/Osuna os verbetes artilleria e artillero.

(6b) Ambas as formas em Peralta/Osuna.

(6c) Idem, ibidem.

(7) Tanto no tupi quanto no guarani só se encontra a forma legítima de akang-usú para cabeçorra. No guarani moderno três formas diferentes do adjetivo componente estão a serviço da evolução semântica.

kygŭá	— pente,
kygŭá-gŭasú	— pente de tecelão,
kygŭá-vusú (8)	— pente grande de adorno;
nhee-gŭasú	— jactancioso,
nhee-rusú	— fala grossa,
nheeng-usú (9)	— arrogante.

Terminemos esta parte relativa a *gŭasú* apondo as indispensáveis restrições à afirmativa de *Peralta/Osuna* (10) de *gŭasú* usar-se exclusivamente com substantivos. Evidentemente, tal afirmativa não toma na devida consideração a bicategoricidade dos substantivos (11), dos adjetivos (12) e dos verbos intransitivos (13). Aliás, os próprios verbetes do seu dicionário desmentem tal afirmativa.

"USŪ" E SUAS VARIAÇÕES

Se no guarani moderno analisarmos o desenvolvimento da forma *usú*, notaremos logo que são muito raras as palavras paroxítonas, as oxítonas terminadas em consoante ou para as quais Montoya indica a consoante final arcaica de ligação, conjunto que no guarani antigo limitava o âmbito de *usú* e, a rigor, ainda excluía qualquer variação que não fôsse condicionada pelas leis eufônicas guaranis (14).

I.

Citemos alguns nomes positivos graves de aumentativo tradicional:

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Ang(a)	— ang(a)	— sombra, espírito,
ang-usú	— ang-usú	— fantasma;
eira	— eí.r.	— mel,
eir-usú	— eir-usú (15)	— abelha urucu;

(8) Veja a nota 6. Enquanto no tupi o aumentativo de *kygŭaba* só pode ser *kygŭab-usú*, no guarani antigo, onde o positivo já se havia apocopado em *kygŭá*, a praxe impunha *gŭasú*.

(9) Ainda não parece muito fixo o sentido divergente entre *nhee-gŭasú* e *nheeng-usú*. Como vemos, usam-se três formas do adjetivo com a palavra *nhee(ng)* no guarani moderno.

(10) Dicionário, p. 300, verbete grande.

(11) Veja o nosso estudo no cap. V. de *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*.

(12) *Idem*; *ibidem*.

(13) *Idem*; cap. V, § VIII, pp. 79-80.

(14) Veja o capítulo dedicado ao guarani antigo e *Restivo — Arte*, pp. 19-20.

(15) Embora o termo figure no VIb, nem Montoya, nem Restivo o registam.

oká(ra)	— oká(ra)	— pátio, largo,
okar-usú	— okar-usú	— praça;
tay(ra)	— tay.r.	— filho (de homem),
tayr-usú	— tayr-usú	— filho crescido (de h.).

II.

Para alguns positivos graves o aumentativo já oscila entre *gúasú* e *usú* e entre eles vemos com surpresa dois dos mais comuns: *tava* e *oga*.

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Kúá(ra)	— kúá.r.	— buraco, cova,
kúar-usú, kúá-gúasú	— kúar-usú	— gruta;
og(a)	— og	— casa,
og-usú, oga-gúasú	— og-usú	— casarão;
tava	— ta.b.	— aldeia,
tava-usú, tava-gúasú	— tab-usú	— aldeia grande, cidade.

Os últimos dois exemplos dão a medida do descaso do guarani atual, em alguns compostos, pelas tão respeitáveis regras da eufonia e do emprêgo de *gúasú/usú*.

III.

Daqueles positivos, hoje terminados em vogal acentuada, que para formação do aumentativo ainda recorrem à desinência consonantal antiga e à legítima forma *usú*, destaquemos também alguns exemplos ilustrativos.

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Anã	— anã.m.	— grosso, espêso,
anambusú	— anambusú	— muito espêso;
kã	— kang	— osso,
kangusú	— kang-usú	— osso grande, ossudo;
yvyty	— ybyty (16)	— montanha,
yvytyrusú	— ybytyr-usú	— monte alto, serra.

IV.

Há no guarani moderno alentada lista de positivos terminados em vogal acentuada, cujas formas antigas conservavam geralmente a consoante da sílaba final arcaica, que o tupi antigo ainda ostenta.

(16) Em tupi temos *ybytyra*, que mostra a procedência de *ybytyr-usú*, já separado erradamente no vocabulário de Restivo em *ybyty-rusú*. É que desde Montoya o positivo era *ybyty*, o que serve de atenuante.

O comportamento de tais palavras ao formarem o aumentativo ou superlativo, já foi consignado em suas linhas gerais nos parágrafos II., III. e V. na parte dedicada a *gŭasŭ* neste capítulo.

V.

Usŭ e variações aparecem também no guarani moderno por analogia, com positivos oxítonos terminados em vogal desde o guarani antigo.

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Ahyó	— djaseó	— garganta,
ahyó-rusú	— djaseó-gŭasú	— voz grossa;
nambi	— nambí	— orelha,
nambí-usú	— nambí-gŭasú	— orelhudo.

VI.

Mesmo dentro da sua própria área, *usŭ* toma formas etimologicamente irregulares.

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Mitã	— mitang	— criança,
mitã-rusú	— mitang-usú	— rapaz, mocinha;
tagûé	— tagûé.r.	— pêlo,
tagûé-usú	— tagûer-usú	— peludo;
tyãĩ	— tyãĩ	— gancho,
tyãĩ-rusú	— tyãĩ-djusú	— âncora;
yvypé	— ybypé.b.	— terra plana,
yvypé-rusú	— ybypeb-usú	— planície.

O positivo composto pode no correr do tempo levar a conclusões errôneas na formação de alguns superlativos, como por exemplo em *yvytungusú*, que se decompõe do modo seguinte:

yvy	— terra,
tu (16a)	— preto, escuro,
ng	— consoante de ligação em lugar das arcaicas legítimas <i>nd</i> ,
usú	— muito,

(16a) No guarani *tu.n.*

ou seja: *terra muito sombria*, = *cerração*. A forma etimologicamente correta é *yvytundusú* (17).

Como vemos, sem conhecimentos da gramática histórica, também no guarani moderno é impossível dar-mos conta da profunda transformação sofrida num dos capítulos mais transparentes das suas velhas diretrizes. E, infelizmente, como já dissemos, não se encontra nos mestres do guarani moderno a mais leve indicação de ao menos haverem sido suspeitados o alcance original de *guasú/usú*, a nitidez e a estreiteza dos limites, que a praxe traçara antigamente ao seu emprêgo.

Repetimos, não há a mínima referência nas gramáticas modernas aos aumentativos e superlativos em *guasú*, não obstante as suas numerosas ocorrências nos vocabulários. Os seus autores simplesmente ignoram um capítulo que, sem estudos do desenvolvimento histórico, permanece enigmático.

Quanto às formas em *usú* e suas variações a verificação ainda é mais decepcionante. *Bottingnoli* (18) e *Guach* (19) não as mencionam em suas gramáticas e nos vocabulários registram tão só *rusú* no verbete *joven*.

O mesmo silêncio guardam *Peralta/Osuna* (20), *Sagüer* (21) e *Mayans* (22) em suas noções gramaticais. Entretanto, *Peralta/Osuna* e *Mayans* complicam os seus ensinamentos gramaticais nos verbetes *usú* e *rusú* dos seus vocabulários. Os primeiros classificam "*usú* — grande de sufixo (!) para formar adjetivos" (!) e, estranhamente, dão como exemplo *mitã-rusú* — *adolescente*, que, de acôrdo com os dizeres no verbete *usú*, tomaria função adjetival!

Mayans não registra *usú*, mas, como para compensar a falha, confere a *rusú* dois sentidos, ainda que restritos. Diz êle:

"*Rusú* — grande só se usa em *mitã rusú* — rapaz grande; toma o sentido de *grosso* em *nhee rusú* — voz *grossa*".

Os exemplos assim respigados nos mesmos mestres do guarani moderno e os nossos comentários apostos aos diversos parágrafos dão a direção e a

(17) Temos aqui mais uma desnorteante forma analógica. O guarani antigo tem dois termos para *cerração*: *ybyti* — (no tupi *ybytinga*) — *neblina, névoa* (literalmente *terra brancacenta*) e *ybyting-usú* — *nevoeiro (denso)*. No guarani moderno, em lugar de *yvyting-usú*, que fôra de esperar, temos, porém, *yvytung-usú*. Intrometeu-se aí a palavra *tu* — *escuro, preto*, no lugar de *ti*, permanecendo, entretanto, o dígrama *ng*, que se fundamenta para *yvyting-usú* na forma arcaica *tinga*, mas não encontra justificativa etimológica no composto *yvytung-usú*, porque *u, tu* (em tupi *una, t-r-s*) exige normalmente as consoantes de ligação *nd* no guarani, quando seguido de palavra começada por vogal. O guarani moderno, trocando *ti* por *tu*, alterou a etimologia do termo, mas conservou no composto a desinência arcaica de *ti(nga)*. Desta maneira substituiu o antigo vocábulo *ybyting-usú* pela forma analógica *yvytung-usú*, quando etimologicamente cabe *yvytund-usú*. Compare Restivo Vocabulário, verbete negro: *hund-ai* — *es mui negro*.

(18) Gramática Razonada de la Lengua Guarani.

(19) El Idioma Guarani, etc.

(20) Nociones de Gramática Guarani.

(21) El Idioma Guarani.

(22) Síntesis Gramatical.

medida das modificações indispensáveis para que os seus ensinamentos correspondam aos fatos.

ASU

Não poderia faltar no guarani moderno alguma sobrevivência da forma aumentativa em *asú*, que, raríssima embora, se fixara muito cedo. Encontramos nos léxicos mais divulgados os cinco verbetes aqui citados:

<i>Guarani atual</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
Agûará-kyia-asú	— agûará-kyynh-usú	— crista-de-galo (bot.) (23);
kupú-asú	— kupú-gûasú	— cupuaçu (24);
tadj-asú	— tai-asú	— tajaçu (25);
ting-asú	— ti-gûasú	— alma-de-gato (26);
yvá-asú	—	— pau-pereira (27).

Como vemos, entram aí diversos termos que os autores foram colhendo em livros brasileiros modernos. São guaranis apenas por uma longínqua hipótese.

XIX

AS FORMAS TENETEHARAS CORRESPONDENTES A
"GUASU", "USO" E "ASU"

Uma contribuição deveras valiosa para os estudos lingüísticos tupi-guaranis representa o *Dicionário Tembê-Tenetehar*, de Max H. Boudin (1). Pre-

(23) Peralta/Osuna dão a tradução de erva-moura, que no tupi se designa com a forma positiva agûará-kyynha. A tradução literal é grande pimenta do guará ou cachorro-do-mato.

(24) A forma tupi é a presumível, mas d'Abbeville registra kopul-ûasú, que evidentemente se refere a outra fruta. O português do Brasil perfilhou o termo nheengatu kupú-asú.

(25) É a espécie maior do porco-do-mato. A tradução literal é dentuço. Veja a nota 21 no capítulo referente a João Staden.

(26) Há intrincadas confusões em certos nomes dos reinos animal e vegetal. Sirvam de exemplo as designações tupis da gaivota e do alma-de-gato. Para este, registrado por Marcgrave com o nome de atingacucamucu, ainda se mantém na Amazônia tingûasú (= ti-gûasú — bico grande) embora tal atributo não lhe caiba no confronto com tantas outras aves. No caso deve ter havido transferência de nome ou desnorteantes alterações mórficas.

Para gaivota o Vib. consigna atingacú (= a-ting-usú — cabeça grande branca), que corresponde razoavelmente ao gênero *Larus atricilla* e onde a forma asú (por usú) parece estar a serviço da diversificação de sentido, como acontece em tai-asú. Compare a nota 52 do capítulo referente a frei d'Abbeville, que com a presente serve de complemento à nota 2 aposta ao verbete atiaçu, de Gabriel Soares de Sousa.

(27) Registrado por Peralta/Osuna e colhido em algum registro do Brasil, por eles ou terceiros. É nome nheengatu, onde designa o scari-rana, a quina-rana e o pau-pereira, sinônimos hoje correntes no Amazonas.

(1) São Paulo; 1966. Gráfica Canton Ltda. Publicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Presidente Prudente; São Paulo.

enche uma lacuna tanto mais sensível, quanto, debaixo dos aspectos específicos do seu léxico, os teneteharas, localizados dentro da extensa área tupi, constituem claramente um *quisto guarani*.

Pertencem provavelmente aos descendentes de uma das ondas migratórias vindas do sul, que, por estarem ocupados o litoral e larga faixa meridional amazônica, esbarraram finalmente na região centro-oeste do Estado do Maranhão (2). Durante o último século algumas levas sediaram-se mais a oeste, nas margens dos rios Gurupi, Guama e Capim. — Tôdas estas facções se dão a si mesmas o nome de *tenetehara*, segundo Ch. Wagley e Ed. Galvão; entretanto, as que ocupam as bacias do Mearim, Grajaú e Pindaré desde os tempos de Bettendorff têm sido chamadas de *guajajaras*, em oposição aos que habitam nas regiões dos rios Gurupi, Guama e Capim, conhecidos por *Tembês* (3). O vocabulário de Max H. Boudin foi colhido no alto e médio Gurupi, daí a denominação de *tembê-tenetehar* (4), que lhe confere como subtítulo.

Não atinamos com o motivo que levou Boudin a preterir este nome específico de *tenetehara* a favor da esdrúxula denominação de *tupi moderno*, que inconsideradamente impinge ao seu *Dicionário*, desfigurando-o com um frontispício falso e desnorteante.

É com grande pesar que nos vemos obrigado a fazer tão grave reparo inicial, que implica atraso de quase um século, no que diz respeito à classificação lingüística e terminologia dialetológica geralmente seguida. Boudin ignora mesmo o que realmente se deve entender por tupi, e, apelidando o tenetehara de tupi moderno ainda navega com as suas denominações na turva esteira classificatória inicial de Martius e seguidores.

O *tenetehara* é um dialeto tupi-guarani, mas não é um dialeto tupi. Ostenta nítidas características do léxico guarani, na apócope generalizada e na fricativa velar representada na grafia de Boudin por *h*, à qual já nos referimos em nosso *Tupis e Guaranis* (5).

(2) Não se trata aí de caso isolado nas migrações tupi-guaranis. Frei d'Abbeville (ff. 259 v.-261) colheu dos tupinambás do Maranhão, que a sua tribo ocupava, ainda em tempos históricos, um país por eles chamado Cayeté (*caá-eté*), situado à altura do Rio de Janeiro e São Vicente. O depoimento é corroborado por alguns fatos lingüísticos.

A mesma procedência se atribui aos tapirapés localizados no Araguaia desde o século dezolto, segundo depreendemos da Memória de L. A. da Silva e Souza sobre o Estado de Goiás; *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro*; vol. 12, p. 429.

Os índios conhecidos pela alcunha de *canoeiros*, que na primeira metade do século dezolto se fixaram nas margens dos rios Tocantins e Araguaia, emigraram de alguma região dos atuais estados de São Paulo ou Paraná. Dos parintintins não será afoiteza sugerir procedência idêntica, consideradas as peculiaridades léxicas e fonéticas da sua língua.

(3) Wagley, Ch. e Galvão, Eduardo; — *Os Índios Tenetehara*; Ministério de Educação e Cultura; Rio, 1961; p. 22. A edição em inglês, da Universidade de Columbia, New York, é de 1949.

(4) A forma tupi, que passou para o português do Brasil, é *tenetehara*, usada por Wagley e Galvão.

(5) *Publicações do Museu da Bahia* — N.º 7; Bahia, 1947, V e 220 pp.

É, portanto, ao guarani que se filia o tenetehara, sem por isto se confundir com o guarani antigo ou moderno. O que aí afirmamos, Boudin mesmo o reforça através dos confrontos vocabulares e da sua minguada bibliografia, onde, ao lado de cinco tratados guaranis não figura um único que seja propriamente tupi. O seu mentor é Batista Caetano com o seu desenvolvido vocabulário do guarani antigo, as suas idéias unitárias e o seu profundo desprezo aos velhos mestres tupinistas, que nunca estudara. Por outro lado, o tupi de Martius é apenas o *brasileiro* e o *nheengatu*, enquanto a fonética tupi de Lucien Adam é, por sua vez, irremediavelmente prejudicada pelas idéias errôneas hauridas de Batista Caetano.

Boudin desconhece ou ignora propositadamente o único léxico realmente tupi, o *Vocabulário na Língua Brasileira*, dos jesuítas. Nenhuma referência do seu dicionário tenetehara permite concluir que se tenha familiarizado de algum modo com o verdadeiro tupi antigo e nenhum dos termos trazidos à colação é tirado de compêndios tupis!

Não haveria nisto maior inconveniente para confrontos vocabulares circunscritos ao ramo guarani, de onde se esgalhou o tenetehara, se Boudin não confundisse o guarani com o tupi. É profundamente lastimável que no seu trabalho altamente meritório Boudin, talvez sem o querer, mas evidentemente por insuficiente preparo, mistifique os seus consulentes, quando, para justificar as delongas sofridas por sua publicação, afirma:

“... a parte tupi (leia-se *tenetehara*) ficou esperando melhor oportunidade para poder ilustrar e comparar *a posteriori* o capital lexicológico também com o tupi antigo (leia-se *guarani antigo*) e, esporadicamente, com o *guarani (atual) do Paraguai* (6)”.

Parece incrível que ainda em nossos dias se publiquem trechos tão desnorteantes como o que acabamos de transcrever. Mas, vejamos ainda estoutro, onde Boudin promove Montoya, Restivo e Batista Caetano, mestres do guarani antigo, a clássicos tupis (!!):

“Este dicionário tende a uma dimensão histórica, citando as etimologias de autores setecentistas ou clássicos como Montoya, Batista Caetano, Restivo e outros, deixando assim à mostra a possível evolução ou involução dos dialetos do ramo tupínico” (7).

São improvisações semelhantes onde, a despeito de toda uma série de publicações conscienciosas, ainda se confunde o guarani com o tupi, que vêm desmoralizando os estudos tupis nas próprias Universidades e têm levado o desalento a um dos setores mais fascinantes e inexplorados dos Estudos Brasileiros.

(6) Dicionário; trecho da Introdução. As palavras entre parênteses são nossas.

(7) Idem; *ibidem*; quanto às formas antigas ou etimologias, geralmente se limita a transcrever o guaranista Batista Caetano.

Depois desta tomadas de posição indispensável passemos à finalidade precípua destas linhas, o estudo comparativo dos aumentativos e superlativos teneteharas respigados no *Dicionário* de Boudin com os correspondentes tupis.

As formas que o adjetivo/advérbio tupi e guarani *gúasú/usú* assume no tenetehara são: *uhú* (8), *úhu*, *hu*, *ahú* e *úatzú*. Por vêzes há formas duplas.

Consideraremos separadamente os compostos formados por cada qual delas, relegando para as notas de pé-de-página as observações que julgarmos propícias à boa penetração dos problemas lingüísticos atinentes.

Eis, preliminarmente, as alternâncias fonéticas nêles mais constantes do léxico tupi (!) para o tenetehara:

$b > ú$
 $s > h$ (= fricativa velar *j* do espanhol)
 $a > ä$ (8a)
 $i, nh > z$.

AUMENTATIVOS E SUPERLATIVOS EM "UHÚ"

A

Em primeiro lugar, *uhú* emprega-se com certo número de positivos terminados em consoante. Temos aí a nítida manutenção da velha regra tupi e guarani. Eis, a seguir, alguns exemplos:

<i>Tenetehara</i>	— <i>Tupi</i>	Tradução (9) — <i>Portuguesa</i>
Akang-uhú	— akang-usú	— cabeça grande, cabeçudo (10);
aman-pytun-uhú	— Ybak-un-aiba amã-pytun-aiba	— nuvens muito escuras (11);

(8) Para não desfigurar demasiadamente os vocábulos teneteharas, mantivemos a grafia de Boudin para os fonemas *h* e *z*, que não existem no tupi; substituímos, porém, as letras *w*, *y* e *i* respectivamente por *ú*, *l* e *y*, de acórdio com a nossa grafia. Também acentuamos as palavras segundo o nosso costume nas publicações tupis.

(8a) Pode-se estranhar com razão, que Boudin confira ao *ä* o valor de *ö* alemão.

(9) A tradução geralmente literal carece, para boa interpretação, das notas de pé-de-página.

(10) Esta palavra, que Boudin traduz por ser cabeçudo, é no tupi, de acórdio com a regra geral, tanto substantivo (cabeçorra), como adjetivo (cabeçudo).

(11) B. traduz *aman* por chuva, sentido que tem *amana* no tupi. No guarani *amã.n.* corresponde a nuvem de chuva, como ainda *amana* no tupi e o composto tenetehara *aman pytun-uhú*, que literalmente se traduz por nuvens muito escuras, comprova a permanência dessa acepção também no tenetehara, pois o muito escuro só pode referir-se às nuvens. Mas, como B. dá ao composto o sentido de tempestade, parece que ali houve nova translação de sentido, a do aspecto para o efeito. Em tupi o complexo nuvens muito escuras se traduz por céu muito escuro — *ybak-un-aiba* e por *ama-pytun-aiba*, propriamente nuvens escuras. — O adjetivo tenetehara *uhú*, restritamente grande e grosso, já revela neste caso influência do português, provavelmente através do dialeto brasileiro.

aman-uhú	— aman-aiba	— chuva grossa (12);
anam-uhú	— nam-usú	— grosso, grosseiro (12a);
apyr-uhú	— atifi	— ter abscesso (13);
arar-uhú	— ararakanga	— araracanga, arara vermelha (14);
hu(ú)-uhú	— sob-usú (r-)	— fôlha grande;
kang-uhú	— kang-usú	— osso(s) grande(s) (15);
kyr-uhú	— kyr-usú	— viçoso (em formação) (16);
mo akyr-uhú	— moakyr-usú	— fazer brotar com vigor;
mo-z-uhú	— mboi-usú	— sucuriúba (17);
paper-pinim-uhú	— i kúatiarëpyra	— livro (18);
piráz-uhú	— piranh-usú	— piranha grande (19);
petym-uhú	— petymbuaba	— charuto, cachimbo (20);
tapir'ir-uhú	— tapiir-usú	— boi, vaca (21);

(12) Veja a nota 11, principalmente o final.

(12a) No tupi só se usa para cousas pouco espessas, como pano, fôlha, tábua, etc.

(13) A palavra tupy apyra significa *cume, erguido*. O tenetehara confere-lhe na forma aumentativa também o sentido de *inchação, abscesso*. O tupi usa no caso os termos *atifi* e *susuá*.

(14) Por *araracanga, ararapiranga* ou *arara vermelha* designam-se geralmente duas espécies de araras em cuja plumagem predomina a cor vermelha, a *A. Coccyzina* (macau) e a *A. Chloroptera*.

(15) B. insinua ser *kang-uhú* sinônimo de *akang-uhú* no tenetehara. Em tupi *kang-usú* é osso(s) grande(s), enquanto *cabecorra, cabeçudo* se traduz por *akang-usú*. Em certos nomes a forma com a inicial é própria de coisas arredondadas: *akanga* (=a + kanga) — osso arredondado = crâneo, cabeça; *akya* (=a + kyra) — verde, imaturo emprega-se geralmente para frutas e brotos arredondados.

(16) *Kya* e *akya* são adjetivos no tupi, cabendo o segundo a cousas arredondadas. Traduzem-se por verde, imaturo, em formação, em desenvolvimento. O superlativo desta última acepção corresponde bem a em pleno desenvolvimento.

(17) Em alguns compostos a palavra tenetehara *moi* — cobra se transforma em *moz*; como também em outros casos; o *z* é ali o substituto ocasional da semivogal *i*, não havendo motivo para separá-lo do radical por hífen.

(18) A tradução literal do neologismo tenetehara é: grande papel salpicado, ou mais exatamente papelada salpicada. Os tupis designaram tanto o papel como quaisquer escritos e mesmo os livros pelo neologismo muito exato de *i kúatiarëpyra* (participio passivo do verbo riscar, pintar > escrever — *kúatiara*) — o(s) escrito(s). O guarani, menos exatamente, usou o verbo *kúatiá.r.* como nome no mesmo sentido e *tupú-kúatiá* no de bíblia, missal e breviário. — Os lusismos para tais objetos só se multiplicaram na língua-geral.

(19) O vocábulo tupi *piranha* aparece no tenetehara na forma de *pirãl*. No aumentativo *piráz-uhú*, segundo acontece com palavras terminadas em *i*, esta semivogal se transforma em *z*. — B. transcreve aí afeitadamente a etimologia, que Batista Caetano atribui a *piranha*. Mas, a palavra não significa *corta-pele*, como sugere, e sim *peixe-dente* (*pirá + aranha*), tal como *mosca* muito temida é apelidada *mberú-anha* ou *mberú-ãia* — *mosca-dente*. Dente aparece no tupi nas duas formas *ãia* e *anha* (t-,r-,s-,).

(20) *Petym-uhú* é literalmente *fumo grande > charuto grande*. O Vlb. evita registrar práticas pagãs; traz, entretanto, o nome do charuto — *pety-mamanëbyra*, no verbete *fumaça que se bebe*. A tradução literal do termo é *tabaco enrolado*. Gabriel Soares traz a descrição do charuto indígena no cap. 61 da II. parte.

O *cachimbo tubular* referido por Evreux (p. 137) e Léry (vol. II. p. 71), provavelmente reservado aos pajés, destinava-se, não a beber fumo, mas a soprar fumo sobre os assistentes e era designado por *petymbuaba* — instrumento de soprar fumo. — É o que corresponde por seu tamanho ao charuto grande dos teneteharas. Perdeu-se neste dialeto o vocábulo descritivo para charuto e também o instrumento de soprar fumo, privativo dos pajés.

taú-uhú	— tab-usú	— aldeia grande, cidade;
tazuk-uhú	— tajyk usú (r,s-)	— veia grossa, artéria (22);
tupehyz-uhú	— opesyí-aiba (r,s-)	— muito sonolento (23);
tung-uhú	— tung-usú	— pulga (24);
yar-uhú	— ygar-usú	— canoa grande, batelão, navio (25);
y-pupyr-uhú	— yapó-peb-usú (r-)	— rio muito largo (26);
yûá-ting-uhú	— yby-ting-usú	— grande nevoeiro (27);
yútyr-uhú	— ybytyr-usú	— serra grande, monte alto;
zaûar-uhú	— iagûar-usú	— onça pintada (28).

B

Em franca discordância com as regras tupi-guaranis antigas *uhú* substituiu no tenetehara a forma *gûasú* em grande número de aumentativos e superlativos cujo positivo termina em vogal tônica. Examinemos esse desenvolvimento numa série de exemplos oferecidos pelo dicionário de Boudin.

<i>Tenetehara</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Tradução Portuguesa</i>
Aûá-uhú	— abá-gûasú	— Homem adulto, homenzarrão (29);

(21) Os tupis aplicaram o nome de *tapiir-usú* ao gado vacum, diferenciando-o do *tapiir* verdadeiro, do *tapiira* ou *tapiir-eté*, através da forma aumentativa.

(22) Note-se no tenetehara os fonemas *zu* por *ju* do tupi. A mudança de *y* em *u* é freqüente nos dialetos tupi-guaranis; a de *i* e *j* em *z* é peculiar ao tenetehara. Veja também a nota 17. — No tupi ainda não distinguem lexicalmente as veias dos nervos: *alyka* (t,r,s-) — nervo, veia. No tenetehara se faz hoje a distinção por meio da apofonia *y > u*: *Tazyk* — nervo; *tazuk* — veia.

(23) *Opeyia* (t,r,s-), — sonolência, sonolento em tupi, significa ao pé da letra *pálpebras trementes*, — pesadas, que indicam a sonolência. O superlativo em *uhú* — grande e grosso testemunha influência brasiliana de origem lusa. O *t* inicial, índice arcaico de classe superior, figurando na forma adjetival *tenetehara*, é a prova da perda do seu caráter específico, um desenvolvimento que já teve início no guarani antigo. Note-se a alternância *i > z*, que parece de regra, quando segue *uhú*.

(24) Designando o positivo *tunga* o bicho-do-pé, conclui-se que a sua presença entre os tupis é pelo menos tão antiga quanto a da pulga, que lhe ampliou o nome.

(25) Diversas palavras antes compostas com *y* — água intercalam um *g* depois do *y*, como em *ygara* — canoa. No tenetehara tal epentese não parece ocorrer.

(26) *Pyra* significa *lado* em alguns compostos tupis, tal como *py.r.* em Montoya. Compreende-se assim que o aumentativo *pyr-usú* registrado por Restivo (verbetes *ancho*), literalmente *lados grandes*, — dilatados, o traduzam simplesmente por *rio largo*. Etimologicamente, *popyr-uhú* é, pois, apenas *largo* e não muito largo.

(27) No tupi a designação das nuvens e do nevoeiro traduzem o aspecto e a altura. *Yby* — terra corresponde à cerração baixa e *ybak* — céu à alta; *tinga* se aplica à mais clara e *una* à escura. Temos, portanto: *yby-tinga* — nevoeiro (= terra branca), *yhá-tinga* — nuvens brancas (= céu branco) e *ybak-una* — nuvens escuras (= céu escuro). No tenetehara esta distinção parece ter-se perdido, já que *all yhá-ting-uhú* — céu muito branco designa os grandes nevoeiros.

(28) Note-se a substituição de *eté* — genuíno por *uhú* — grande e grosso.

(29) *Abá-gûasú* em tupi tanto é homem feito como homem grande. *Homenzarrão*, como B. traduz *abá-uhú*, está documentado no guarani por *abá-gûasú*, porém no tupi requer *gûasú-eté* ou *turusú-eté*.

hemé-uhú	— embé-gúasú (t,r,s-)	— beijo inferior (30);
i ty uhú	— y-gúasú (r,t-)	— crescido, alto (água de rio) (31);
ka'i-kuti-uhú	—	— um macaco;
ka'i-uhú	— kai-gúasú	— cai grande;
kaúiré-uhú	— kaburé-gúasú	— caburé grande;
miná'á-uhú	—	— um caramujo;
pakú-ätä-uhú	—	— pacu-bandeira (32);
pe-uhú	— pe-pytera (ta,ra,sa-)	— estrada (33);
pungä-uhú	— pungá-gúasú	— muito inchado;
tamá kitzä-uhú	— kapli-kisé (-gúasú)	— capim navalha (34);
tatá-uhú	— atá-gúasú (t,r,s-)	— fogueira;
tehá-uhú	— esá-gúasú (t,r,s-)	— olhos grandes;
temé-uhú	— embé-gúasú (t,r,s-)	— beijola, beijudo (35);
tyié-uhú	— yé-gúasú (t,r,s-)	— barrigão, barrigudo (36);
tyram rahá-uhú-küer	— uí esá-koroia	— farinha grossa (37);
ty-uhú	— y-gúasú (t,r,t-)	— enchente de rio (38);

(30) Sembé-gúasú se traduz no tupi, como hembé-gúasú no guarani, por o seu beijo (inferior) grande, ou é beijudo. Hemé-uhú deve ter as mesmas acepções e não significar apenas beijudo, como diz B. a não ser que nos velhos índices de classe o valor pronominal, inerente ao t e ao s (= h no guarani e no tenetehara) tenham perdido essa acepção, que lhes era peculiar no tupi e no guarani.

(31) No tupi e no guarani águas crescidas (de rio) é y-gúasú (r,t-); portanto, o rio está crescido se traduz por ty-gúasú. O sentido pronominal da terceira pessoa é inerente ao t. — Se no tenetehara se diz i ty uhú para traduzir suas águas estão crescidas, o rio está cheio (p. 82), então o t perdeu a velha função possessiva e pronominal, uma decorrência da progressiva decadência dos índices de classe, que já se iniciara no guarani antigo. Em lugar do I, B. traz o fonema correspondente ao nosso y, à p. 269, o que contradiz o seu verbete i — ele(s), ela(s), seu(s), sua(s). Compare a nota 53.

(32) Há diversas espécies de pacus com nomes tupis, mas sem possibilidade de identificação com o pacu-bandeira de B. por falta de dados.

(33) Pé (ta,ra,sa-) é caminho; caminho grande, estrada é pé-pytera em tupi, propriamente caminho do melo ou caminho tronco, do qual se bifurcam as veredas. No guarani preferiram o termo pé-gúasú, de que o tenetehara pé-uhú é o desenvolvimento dialetal.

(34) O nome português é uma tradução literal adaptada do tupi. Em lugar do s tupi encontra-se por vezes tz no tenetehara. O vocábulo tamá, que entra no termo tenetehara traduz a invaginação do colmo, que ali se junta ao aceramento das folhas indicado por kísé — instrumento cortante.

(35) Note-se que no tupi tembé-gúasú — beijola só pode ser usado no absoluto para entidades superiores: gente e entidades mitológicas. Para animais comuns e nas terceira pessoa sembé-gúasú é de rigor; também significa é beijudo.

(36) Cabe ao termo a mesma observação da nota 35, no que diz respeito aos índices de classe.

(37) Conduto em português é aquilo que habitualmente se come com pão, batata, ou ainda com farinha, pirão etc. entre nós no Brasil. O correspondente tupi para esta acepção unilateral é cebae — o desejado. O tupi possui, entretanto, um termo que tanto serve para designar carne, peixe, etc. tendo farinha, pirão, tubérculos etc. como estes acompanhamentos quando se tem peixe, etc.; é tyra no presente e tyrama no futuro, que naturalmente cabe com maior frequência. No guarani antigo tyrama só se empregava para designar o que acompanha carne, peixe, etc., ou seja para farinha, batata, etc. No guarani moderno tyrá conserva a mesma limitação. No tenetehara a evolução semântica deu mais um passo, transferindo a forma tyram diretamente à farinha de mandioca, especialmente à farinha d'água, já despida do conceito de conduto.

(38) É a mesma palavra de que tratamos na nota 31, mas em função substantival.

y-uhú	— Y-gúasú	— rio grande (39);
zahy uúã-uhú	— íasy-obá-gúasú	— lua cheia (40);
zukuri-uhú	— sukuriú	— sucuri(úba) (41).

C

A forma *úhú*, intermediária entre *uhú* e *hu*, emprega-se com positivos terminados em vogal. Parece estar a serviço da eufonia, disfarçando, mas tão só em certo número de palavras, o hiato que resultaria do encontro da vogal tônica final com *uhú*. No tupi e no guarani o hiato se evita em tais casos pelo emprêgo taxativo de *gúasú*.

Respigamos:

<i>Tenetehara</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Tradução Portuguesa</i>
akarã-úhú	— akarã-gúasú	— um cascudo (ict.) (42);
ama'y-úhú	— ambayb-eté	— figueira-do-inferno (43);
arapuhã-úhú	—	— um veado (44);
hapé-úhú	— pé-pytera (ta-,ra-,sa-)	— estrada (45);
itã-úhú	— itã-gúasú	— penedo, penhasco;
y ty-úhú-úahy	— ty-gúasú-aiba	— repiquete (46);
mo(ã)-úhú	— mo-gúasú	— tornar grande (47);
pe-úhú	— pé-pytera (ta-,ra-,sa-)	— estrada (48);

(39) Repare-se na diferença entre este e o termo anterior. Quando se consideram as alterações no volume das águas do rio, emprega-se *ty*, com *t* móvel, enquanto o rio como entidade geral é *y* sem prefixo. Compare também o verbete da nota 31.

(40) O verbete é uma boa amostra do quanto a simples alternância de fonemas afasta dois dialetos afins.

(41) Tem-se a impressão que, devido ao tamanho da cobra, no tenetehara o adjetivo *iu* (= iuba) — amarelo se transformou em *uhú* — grande.

(42) Não compreendemos de onde os teneteharas tomariam conhecimento de pelxes marítimos, pois B. declara ser o acarã-guaçu de água salgada. Além disso, os acarãs são geralmente fluviais. Parece também ter ocorrido um erro na grafia do termo aportuguesado, no Dicionário de Boudin.

(43) Temos no termo outro aconchego do tenetehara ao guarani, onde já Montoya registra a forma *ambayb-usú*.

(44) O termo tenetehara *arapuhã* corresponde sem dúvida ao guarapu e *garapu*, nome que os mateiros do Norte e Nordeste dão ao menor dos veados. *Arapuhã-uhú* será uma casta maior.

(45) Veja a nota 33.

(46) Veja o que dissemos na nota 31. O que distingue o repiquete da enchente comum é o seu caráter repentino e passageiro, traduzido ao lado do superlativo por *úahy* e *alba*. A tradução literal do complexo é: as suas águas (estão) inesperadamente muito crescidas.

(47) *Mbo(ã)-uhú* e *mu-hu* — tornar grosso, tornar grande, lembram vivamente as formas e a tradução de *mo-gúasú*, *mo-asú* da língua-geral, que, por influência do português, substituíram toda uma série de termos específicos. Compare os verbetes: engrandecer, alargar, acrescentar, etc. do Vlb. O tupi e o guarani antigos sempre concretizaram os compostos em *gúasú/usú*, intercalando o respectivo substantivo ou um adjetivo de sentido restrito entre *mbo*, *mo* e *gúasú/usú*. Exemplos: *mbo-pé-gúasú* — engrossar o fio; *moanam-usú* — encorpar, engrossar (cousas finas de certa largura, como pano, esteira, tábuas, etc.); *nhemoabá-gúasú* — tornar-se homem (feito). BC. registra *mbo-açu* — tornar grosso, grande, largo, etc., entre os verbetes do seu Vocabulário; entretanto, o termo nunca foi guarani nesta combinação.

(48) Veja a nota 33.

pirá-ŭhú	— pirá-gŭasú	— um peixe de grande tamanho;
tamatá-ŭhú	— matá-matá	— matá-matá (49);
tatá-ŭhú	— atá-gŭasú (t-,r-,s-)	— fogueira (50);
ta-ŭhú	— tab-usú	— aldeia grande, cidade;
turypá-ŭhú	— orypab-usú (t-,r-,s-)	— grande alegria (51);
ŭyrá i ŭhú	— ybyrá i gŭasú (r-)	— o pau é grande e grosso (52);
i ry-ŭhú	— ty-gŭasú (r-)	— o rio está crescido; o rio tomou água (53);
y-ŭhú	— y-gŭasú	— rio grande.

D

Hú no tenetehara evidentemente não é sufixo e muito menos *apocopado*, como afirma Boudin (54), mas uma forma aferética do adjetivo *uhú* (*ŭhú*), correspondente a *usú* do tupi e guarani antigos. Ocorre nos seguintes compostos:

<i>Tenetehara</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Tradução Portuguesa</i>
Anguzä-hú	—	— ratão (55);
anguzä petä-hú	— apereá	— preá (56);

(49) *Tamatá* (*tamatä*) tenetehara corresponde ao tupi *tamboatá* — cascudo. Os teneteharas compararam o *matamatá* ao cascudo, de onde o aumentativo *tamatä-ŭhú*, literalmente cascudo grande. *Matamatá* ocorre em frei Cristóvão de Lisboa — *História dos Animais e Plantas do Maranhão*; Lisboa, 1967; pp. 84 e 174.

(50) B. registra duas formas para traduzir fogueira: *tatü-ŭhú* e *tatá-uhú*. Pelos compostos do Dicionário é difícil julgar da função ainda reservada aos velhos índices de classe.

(51) *Oryba* (t-,r-,s-) significa alegria, satisfação; alegre, satisfeito em tupi, enquanto *orypaba* (t-,r-,s-) traduz o modo, o tempo e o lugar de estar alegre. *Orypab-usú* (t-,r-,s-) corresponde, portanto, ao modo, tempo ou lugar de estar muito alegre. Se no tenetehara o sufixo *pá* (= *paba* no tupi) perdeu tão característica extensão substantival de sentido, não se pode julgar pelas perfunctórias definições do Dicionário, onde o termo tem acepção adjetival.

(52) Em tupi *ybyrá i gŭasú*, literalmente o pau é grande e grosso, se traduz por o pau é grande e grosso, enquanto pau grande e grosso é *ybyrá-gŭsú*. Há, portanto, discordância na maneira por que *ŭyrá i uhú* vem traduzido no Dicionário, já que B. lhe dá o sentido atributivo pau grosso em vez do predicativo o pau é grosso.

(53) Corresponde lèxicamente a *i ty-uhú* de que tratamos na nota 31, mas diversificado no tenetehara quanto ao sentido. Enquanto ali *i ty uhú* se traduz o rio está cheio, a forma relativa *i ry-ŭhú*, como também *y-ŭhú* significam rio grande, que no tupi é simplesmente *y-gŭasú*, sem índices.

(54) Veja o verbete *hu* do Dicionário.

(55) Não consta dos compêndios tupis. *Anguyá* (= *angudjá*) é palavra corrente no guarani para designar o ratão do banhado, que, aliás, não é encontrado nos estados do Centro e do Norte, segundo R. Ihering — *Dicionário dos animais do Brasil*.

(56) A forma positiva da denominação tenetehara ainda se mantém, ao que parece, no guarani moderno na palavra *angudjapytá*, que designa um rato silvestre. Note a persistente ligação do tenetehara com o guarani. O nome tupi encontra-se em Gabriel Soares e Marcgrave.

anirä-hú	— andyrá-gúasú	— morcego grande, vampiro (57);
aú pu-hú	— a'po-gúasú	— cabelo grosso e comprido (58);
hokú-hú	— sokó	— socó-boi (59);
hätä-hú	— atã-gatú (r,s- ou t-)	— muito teso, muito duro (60);
kunumi-hú	— kunumi-gúasú	— rapaz, moço;
kuzä-hú	— kunhã-gúasú	— mulheraca (61);
mamangä-hú	— mangangá	— mangangá, mamangaba (62);
mopú-hú	— mopú-gúasú	— tocar alto (63);
mozäilú-hú	— iararak-usú	— jararacuçu (64);
mu-hú	— mo-gúasú	— tornar grande e grosso (65);
mukaú-hú	— mokab-usú	— arma-de-fogo grande, artilharia;
muzé-hú	— mongakuaba	— criar (66);
nänä-hú	— naná	— ananás (67);
pakó-hú	— pakob-usú	— banana-da-terra;
pakú-hú	— pakú-gúasú	— um pacu (68);

(57) O superlativo, embora muito apropriado às espécies maiores de morcegos, não é corrente entre os autores antigos do tupi e do guarani. R. Ihering estropla as denominações tupis.

(58) Note-se a apofonia *po > pu* — flo.

(59) No dicionário tenetehara vem *kokú-hu* por *hokú-hu*. A forma tupi correspondente seria *sokó-gúasú*, que não achamos documentada nos autores antigos. Marcgrave só registra o *sokoi* (cocol). O nome portuguêsado de *socó-boi* lhe velo da voz algum tanto comparável ao mugir do boi.

(60) Se de fato o fonema inicial do termo tenetehara for *k*, então houve, além da dupla alternância *atã > itã* a mutação de *h* guarani para *k* no tenetehara: no guarani temos *hatã* — está duro, está teso.

(61) Note-se como neste verbete tenetehara o *z* substitui o fonema *nh* do guarani e do tupi.

(62) No guarani temos *mangangá* e *mamangá* para designar esta grande abelha social.

(63) Emprega-se para sinos e instrumentos de percussão.

(64) Temos aqui o costumeiro *z* tenetehara por *l* guarani e tupi: *mboi* guarani e *mbola* tupi corresponde a *moz* tenetehara. No adjetivo *alú* fundiram-se, por certas afinidades, dois vocábulos guaranis: *ai.b.* — ruim, mau com *ayú* (= *adju*) — aborrecido, importuno. — A denominação original conservou-se também no tenetehara na forma *zararak*.

(65) Embora no guarani exista o sinônimo *mbo-ubixá*, tais genéricos não são da índole tupi-guarani. Os dialetos antigos preferem termos concretos como: *alargar* (buraco, roça); *engrossar* (flo, pano); *crescer* (pessoas); *crescer* (animais e cousas) etc. — BC. registra de fato *mbo-ajú*, mas guarani não é e nunca foi. Veja a nota 47.

(66) Nos dois dialetos antigos, além do genérico tupi indicado, ao qual corresponde no guarani *mongakúá*, há diversos específicos. O vocábulo tenetehara, formação muito desajeitada, traduz-se literalmente por *fazer-se grande e não criar* (outros).

(67) Como no tenetehara *nänä* também serve para designar o abacaxi, *nänä-hu* distingue o ananás, que é maior, e *nänä-l* o abacaxi.

(68) Não sabemos se as denominações do tupi e do tenetehara também se correspondem na espécie.

tezú-hú	— teiú-gŭasú	— teiu-açu;
u'ã-hú		— babaçu (69);
uruôa-hú	— urugŭá-gŭasú	— caracol aquático;
uŭã-hú	— ybá-gŭasú	— babaçu (70).
ŭyrá-hú	— gŭyrá-gŭasú	— gavião (71);
zanú-hú	— nhandú-gŭasú	— aranha caranguejeira;
zé-hú	— kakuaba	— crescer (plantas e animais) (72).

E

A FORMA "ŪATZŪ"

Esta variante, pouquíssimo usada no tenetehara, parece ter sido reavivada pelo contato com o *brasiliano* ou com o *nheengatu*, onde *gŭasú* também corresponde a *difícil*. Outro indicio do seu ressurgimento relativamente moderno fornece a palavra *preço*, como conceito ligado à moeda, que ocorre no vocabulário. Boudin traduz *ŭatzú* lacônicamente por *demais*, quando melhor fôra: *grande, alto, muito, difícil*. As três primeiras acepções cabem perfeitamente às ocorrências respigadas.

<i>Tenetehara</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
Kunumi-ŭatzú	— kunumi-gŭasú	— moço (73);
hepy-ŭatzú	— sepy-eté	— preço alto, é caro (74);
temi-repy-ŭatzú	— mbaé-eté	— coisa muito valiosa, coisa muito cara (75).

(69) Com o exclusivo auxílio do tenetehara B, não podia explicar o termo, já que o babaçu lhes veio através da língua-geral. Tratamos da palavra babaçu em nossos Estudos Tupis e Tupi-Guaranis.

(70) Variação mais transparente do verbete da nota anterior.

(71) O termo tupi é o genérico para as aves de rapina.

(72) *Hu* — grande tomou aqui o pronome reflexivo *ze*, o que literalmente nos dá *se grande*, com o sentido de crescer, desenvolver-se. Compare o verbete *mu-hu*, que faria prever *mu-ze-hú* para desenvolver-se.

(73) Literalmente menino grande.

(74) Em tupi *sepy-eté*, tomado como substantivo, tanto significa *preço alto* como o seu *preço alto*. No primeiro caso o *s* inicial é o índice de classe inferior e no segundo é possessivo da terceira pessoa. Adjetivado, *sepy* toma o sentido de *apreçado, avaliado*, assumindo o *s* a função de pronome da terceira pessoa; portanto: *sepy-eté* — *ele (é) caro*. — Não podemos julgar até que ponto tais peculiaridades semânticas ainda se mantêm no tenetehara.

(75) Este verbete oferece curioso desenvolvimento, cujo início deve cair em época anterior à emigração dos teneteharas em direção ao norte, já que o termo também sobrevive no guarani moderno. *Temirepy-ŭatzú* (no guarani moderno *tembyrepy*) é um particípio passivo; portanto, *epy*, (*r-*) deve ter tomado acepção verbal correspondente a *pagar* ou *apreçar*. Teremos, assim, no particípio passivo: *temirepy-ŭatzú* — o que é *apreçado alto*, o que é *pago muito caro*.

F

"AHÚ" E "ĀHŪ"

Em meio às variações do adjetivo *uhú* não poderiam faltar umas poucas ocorrências de *ahú*, correspondente tenetehara de *asú* furtivamente esboçado no tupi e no guarani, como deixamos referido no capítulo dedicado a João Staden. Recolhemos apenas os três compostos que aí vão:

<i>Tenetehara</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
az-ahú	— ai-usú	— papada grande, papudo (76)
mu-āhú	— mo...gūasú, mo...usú	— engrossar, alargar (77);
taz-ahú	— tai-asú	— taiaçu, um porco-do-mato (78).

A GUIA DE JUSTIFICAÇÃO FINAL

Num estudo árido como este a que ora pomos o ponto final, após fixar a trajetória quadrissecular de um termo através da sua evolução em vários dialetos afins, embora falados por tribos geograficamente espalhadas numa área de milhões de quilômetros quadrados, não poderíamos evitar ocasionais repetições em nossos comentários. Visamos nelas principalmente à conveniência dos leigos no assunto.

Ademais, sendo autônomo o capítulo dedicado a cada dialeto, o consulente recorrerá de preferência ao que mais o interessa no momento, muitas vezes sem tomar conhecimento dos precedentes.

Por isto julgamos favorecer tanto a comodidade do estudioso quanto à eficiência do exposto com o repisar desta ou daquela observação em vez de remeter-nos cômodamente a notas afastadas. Acresce que, não raro, se apresentam facetas novas, que para boa compreensão carecem de entrosagem algo diferente.

Releve, pois, o lente o que vale ao discente.

(76) Papada no tenetehara é ai, como no guarani; no tupi temos aia. No aumentativo tenetehara verificamos a freqüente alternância peculiar de i > z.

(77) Variação de mu-hú. Veja as notas 47 e 65.

(78) A grande antiguidade e a evolução do termo explicam certas alterações fonéticas. O sentido literal é dentes grandes, dentuço, que no tupi é tai-usú. Este aumentativo se transformou ali em taisú para designar o animal dentuço tão valioso na alimentação do índio. Taz-ahú no tenetehara é o desenvolvimento fonético normal do guarani e do tupi.